

## A ESCRITA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: INCLUSÕES E EXCLUSÕES<sup>1</sup>

**Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos**

Doutor em História pela UFRGS e Professor de História da UEG.

E-mail: [eduardo.vasconcelos@ueg.br](mailto:eduardo.vasconcelos@ueg.br)

### Resumo

O presente artigo foi elaborado em duas partes, na primeira, apresentamos um levantamento de autores e suas obras que, ao longo da segunda metade do século XX, desenvolveram referências importantes para a história da ciência no Brasil, estabelecendo e consolidando este campo de estudos no país, com ênfase, como vamos demonstrar, exacerbada nos aspectos históricos ocorridos em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Na segunda parte do artigo, apresentamos uma experiência histórica concreta ocorrida no século XIX, na província do Ceará, totalmente desconsiderada pela produção historiográfica tradicional que trata da história da ciência no Brasil. Esta situação acaba por levantar as questões: Qual é a história da ciência brasileira? Quais são os determinantes da história da ciência no Brasil? Até que ponto a história da ciência no Brasil é nacional?

**Palavras-chave:** História da Ciência, Museus de História Natural, Brasil, Ceará, séculos XIX e XX.

## LA ESCRITURA DE LA HISTORIA DE LA CIENCIA EN BRASIL EN EL SEGUNDO SEMESTRE DEL SIGLO XX: INCLUSIONES Y EXCLUSIONES

### Resumen

El presente artículo está elaborado en dos partes, en la primera, presentamos un relevamiento de autores y sus obras que, a lo largo de la segunda mitad del siglo XX, desarrollaron importantes referentes para la historia de la ciencia en Brasil, estableciendo y consolidando este campo de investigación estudios en el país, con énfasis, como demostraremos, exacerbado en los aspectos históricos ocurridos en Minas Gerais, Río de Janeiro y São Paulo. En la segunda

<sup>1</sup> Versão traduzida e ampliada do artigo: “On the Writing of History of Science in Brazil in the Second Half of the 20th Century: What Is Inside and Outside”. In: **Transversal**: International Journal for the Historiography of Science, no. 11 (December), 2021. Historiography of Science in South America (Argentina, Brazil and Uruguay). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/transversal/article/view/37638>

parte del artículo, presentamos una experiencia histórica concreta que tuvo lugar en el siglo XIX, en la provincia de Ceará, totalmente desatendida por la producción historiográfica tradicional que trata de la historia de la ciencia en Brasil. Esta situación acaba suscitando las preguntas: ¿Cuál es la historia de la ciencia brasileña? ¿Cuáles son los determinantes de la historia de la ciencia en Brasil? ¿En qué medida la historia de la ciencia en Brasil es nacional?

**Palabras clave:** Historia de la Ciencia, Museos de Historia Natural, Brasil, Ceará, siglos XIX y XX.

## THE WRITING OF THE HISTORY OF SCIENCE IN BRAZIL IN THE SECOND HALF OF THE 20TH CENTURY: INCLUSIONS AND EXCLUSIONS

### Abstract

The present article is elaborated in two parts, in the first part, we present a survey of authors and their works that throughout the second half of the 20th century, developed very important references for the history of science in Brazil, establishing and consolidating this field of studies in the country, with an exacerbated emphasis on the historical aspects that occurred in Minas Gerais, Rio de Janeiro and São Paulo. In the second part of the article, we present a concrete historical experience that took place in the 19th century, in the province of Ceará, totally disregarded by the traditional and the current historiographic production of history or science. This situation ultimately raises the questions: What is the history of Brazilian science? What are the determinants of the history of science in Brazil? To what extent is the history of science in Brazil national?

**Keywords:** History of Science, Natural History Museums, Brazil, Ceará, 19th and 20th century.

## I- Ciência, Ideias e Explicações na segunda metade do século XX

Em 1956, o sociólogo mineiro radicado em São Paulo, Fernando de Azevedo, publicou o livro *A Ciência no Brasil* (Azevedo, 1956)<sup>2</sup>, fruto de uma comissão da fundação Larragoiti, instituição criada em 1950 pela Sul América Companhia de Seguros de Vida (SulAmérica). A obra de Fernando de Azevedo foi o terceiro livro publicado por esta fundação. A primeira publicação foi *As Artes Plásticas no Brasil*, de Rodrigo Melo Franco de Andrade; o segundo foi *Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho; a quarta e última obra impressa foi *A Medicina no Brasil*, que ficou a cargo de Leonildo Ribeiro, médico e diretor da Fundação Larragoiti (Oliveira, 2016, p. 496). Vale ressaltar que o nome da fundação foi uma homenagem da família controladora da empresa ao idealizador da empresa e patrono da família:<sup>3</sup>

É claro que o livro de Azevedo e as demais obras publicadas sob a mesma rubrica não eram simples obras publicadas em uma das muitas coleções editoriais em voga no Brasil motivadas pelo boom editorial das décadas de 1940 e 1950. Para selecionar autores renomados e reconhecidos em suas respectivas áreas, o objetivo era criar uma obra de referência, uma obra de síntese que conduzisse seus leitores ao que mais caracterizava os avanços culturais e científicos da época. Imbuído desse espírito, Fernando de Azevedo (1956) organizou uma obra coletiva, em dois volumes, com 14 capítulos<sup>4</sup>, no qual afirmava que as ciências no Brasil obedecendo a todos os requisitos científicos, é fruto exclusivo da Universidade de São Paulo - USP, fundada na cidade de São Paulo em 1934. É preciso ressaltar que Azevedo foi um dos educadores que participaram do movimento de criação da USP e não é de estranhar defender tal entendimento.

Uma resposta mais assertiva à proposição que determinou o início da ciência no Brasil com a fundação da USP veio à tona 21 anos depois com a brasileira Nancy Leys Stepan, que publicou em 1976 o livro: *Primórdios da ciência brasileira: Oswaldo Cruz, pesquisa médica e política 1890-1920* (Stepan, 1976a). Nesta obra, o autor argumenta que a ciência no Brasil começou no século XX, mas não com a criação da USP, como afirma Fernando de Azevedo. Para Nancy

---

<sup>2</sup>Em 1943, Fernando de Azevedo escreveu *A Cultura Brasileira* (3 volumes), obra em que o autor já havia feito observações sobre as ciências no Brasil, algumas dessas considerações retomadas para o novo livro de 1956.

<sup>3</sup>Informações Históricas da Seguradora Sul América disponíveis em: <<https://portal.sulamericaseguros.com.br/institucional/sobre-a-sulamerica/historia/>> Acesso em 10 dez. 2021.

<sup>4</sup>Os capítulos do livro são: “Matemática no Brasil”; “Astronomia no Brasil”; “A Física no Brasil”; “Meteorologia no Brasil”; “Geologia e Paleontologia no Brasil”; “Mineralogia e Petrografia no Brasil”; “Geografia no Brasil”; “Química no Brasil”; “Zoologia no Brasil”; “Botânica no Brasil”; “Biologia no Brasil”; “Psicologia no Brasil”; “A Economia Política no Brasil”; “Antropologia e Sociologia no Brasil”.

**Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023.**

**ISSN: 1982 -193X**



Stepan, a criação do Instituto Soroterápico Federal,<sup>5</sup>[Instituto Federal de Soroterapia], hoje denominado Fiocruz, foi o início da ciência acadêmica no Brasil. Não é à toa que a própria Fiocruz se empenhou em providenciar a tradução e divulgação do livro de Stepan em solo brasileiro, ainda em 1976, com o título em português: *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica* (Stepan, 1976b)<sup>6</sup>.

Posteriormente, em 1978, o sociólogo de formação José Murilo de Carvalho publicou uma obra muito expressiva, *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória* (Carvalho, 1978). O grande mérito do livro de Murilo de Carvalho é que ele sai dos limites do século XX e lança luz sobre uma atividade científica que ocorreu na segunda metade do século XIX, em Minas Gerais, além do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa forma, os espaços de realização de atividades científicas no Brasil passaram a incluir, nos estudos históricos acadêmicos, a tríade Minas-Rio-São Paulo.

Vale ressaltar que nessa obra, o jovem autor que ganharia projeção e notoriedade entre os historiadores brasileiros na década de 1980, ainda era um recém-doutor em Ciência Política com tese defendida na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, em 1975<sup>7</sup>, sobre a “Elite e Construção do Estado no Brasil Imperial”, a convite de seu colega Simon Schwartzman, sociólogo brasileiro nascido em Minas Gerais, que à época coordenava um projeto de pesquisa da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep<sup>8</sup>, sobre a história da ciência no Brasil, para registrar as “glórias” da tradicional escola mineira.

Logo depois, outro trabalho sobre a história da ciência foi publicado. O sociólogo Simon Schwartzman publicou, em 1979, o livro: *Formação da comunidade científica no Brasil*

---

<sup>5</sup>Após diversas mudanças desde a década de 1970 recebeu o nome de Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz

<sup>6</sup>Em artigo sobre a produção acadêmica de Nancy Stepan, professora aposentada da Columbia University, Simone Petraglia Kropf e Gilberto Hochman atestam que o livro foi publicado em português no mesmo ano da publicação do original em inglês, com omissões de notas e da bibliografia original (KROPF & HOCHMAN, 2011. 91 (3), p. 391)

<sup>7</sup>No Brasil, a Tese de Doutorado de José Murilo de Carvalho foi inicialmente publicada em português separadamente em dois livros: *A Construção da Ordem: A elite política imperial*. Rio de Janeiro/Brasília: Ed. Campus/Ed. da Universidade de Brasília, 1980; *Teatro de Sombras: A política imperial*. São Paulo/Rio de Janeiro: Vértice/Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. 1988.

<sup>8</sup>Segundo Pirró e Longo e Derenusson, em 1965 o FINEP - Fundo de Financiamento de Estudos e Projetos e Programas, “com fundo contábil e dirigido por uma Mesa Coordenadora, tinha por finalidade prover recursos para financiar a elaboração de estudos de viabilidade de investimentos programas e propostas”. Porém, em 1967, a FINEP - Financiadora de estudos e Projetos, empresa do setor público, que sucedeu ao fundo [criada dois anos antes em 1965] assume seus direitos e obrigações, devendo também avaliar a viabilidade de projetos de investimento para o Ministério do Planejamento. Ver: PIRRÓ e LONGO, Waldir & DERENUSSON, Maria Sílvia. FNDCT, 40 anos. Em: Revista Brasileira de Inovação, Rio de Janeiro (RJ), 8 (2), julho/dezembro 2009. p.517.

(Schwartzman, 1979)<sup>9</sup>. Encomendado pela Finep e teve a consultoria do sociólogo Joseph Ben-David (Edler, 2015, p. 29).

Ao contrário de seus antecessores, o autor não se preocupou em determinar onde o verdadeiro conhecimento de matriz científica (entendido como lógico, racional, pragmático e europeu) “nasceu ou se gerou no país”. Nesse projeto, o autor teve mais liberdade para desenvolver um certo panorama e abordar o que chamou de patrimônio do século XVIII<sup>10</sup>, apresentando com mais acuidade as atividades científicas do século XIX, com ênfase em: naturalistas, ensino superior, engenharia e mineração e na medicina e cirurgia. Assim, o livro de Schwartzman chamou a atenção para práticas científicas no Brasil até então desconsideradas.

Os últimos anos da década de 70 do século XX constituiu um período muito frutífero para a história da ciência no Brasil. Além dos trabalhos de Nancy Stepan, José Murilo de Carvalho e Simon Schwartzman, veio à tona a publicação de uma coletânea sobre o tema científico. Intitulado *História da Ciência no Brasil*, Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama organizaram uma obra em 3 volumes, impressos em 1979, 1980 e 1981. Os dois organizadores, respectivamente, eram professores da USP. Ferri era biólogo e Motoyama era físico de formação, mas com forte interesse em história da ciência e pioneiro em história da ciência no departamento de história da USP (Silvia, 2021, p. 635-637).

Diante desse cenário, abrimos um rápido parêntese para citar a pesquisa realizada pela professora Margarida de Souza Neves, publicada em 1986, sob o título: *As Vitrines do Progresso* (Neves, 1986), que, em além do habitual financiamento da FINEP, contou com o apoio do CNPq e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio, esta última, instituição vinculante do professor. Neste texto, Margarida Neves chamou a atenção para a importância das Exposições Universais, na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, como autênticos palcos de influência política, econômica e cultural em que os países participantes se deviam mostrar e apresentar se no "concerto das nações"

---

<sup>9</sup>Em 2015, o livro teve sua 4ª edição, e foi publicado com um novo título: Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil in Brazil. Assim, a publicação em português ganhou um título mais próximo do título em inglês: A Space for Science: the development of the scientific community in Brazil. University Park, Pensilvânia. The University of Pennsylvania Press, 1991. Segundo o prefácio do autor, a tradução para o inglês foi concluída em 1988, durante seu período como pesquisador da USP com o apoio de uma bolsa da Fundação Ford.

<sup>10</sup>Aqui, Schwartzman apenas reproduz a ideia de "herança do século XVIII" forjada por Fernando de Azevedo para justificar o atraso científico brasileiro.

Mesmo não sendo publicada em livro, a pesquisa de Margarida Neves circulou entre seus pares na comunidade científica das humanidades no Brasil. Assim, de forma pioneira, ela apontou para os pesquisadores brasileiros a importância da cultura material e das exposições como importantes arenas de ação social e científica no Brasil (e em outras nações) nos séculos XIX e XX.

Na década de 1990, Lilia Katri Moritz Schwarcz (1993) defendeu sua tese de doutorado no curso de antropologia da USP, originando o livro: *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. A versão em inglês foi publicada em 1999. Neste trabalho, a autora enfoca nos discursos e nas práticas científicas desenvolvidas nas instituições onde a ciência era praticada no Brasil. O recorte institucional da autora é formado por institutos históricos, instituições médicas, faculdades de direito e museus de história natural. Ao observar as tensões e contradições existentes nas práticas que constituem cada uma dessas "áreas" de atuação, das instituições investigadas,

É necessário destacar que neste trabalho, Lilia Schwarcz inseriu os museus de história natural e a cultura material na dinâmica de produção, divulgação e circulação do conhecimento científico, algo que vinha sendo feito de forma tímida pelos pesquisadores que a antecederam. Mas se por um lado inclui, por outro, o faz com ressalvas, pois ao estudar os museus de história natural ela se debruçou sobre apenas três museus: Museu Nacional, Museu Paulista e Museu Paraense Emilio Goeldi.

Na segunda metade da década de 1990, os leitores receberam o livro de Maria Margaret Lopes, intitulado: *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX* (Lopes, 1997), fruto de seu doutorado em história, com ênfase em história da ciência, pela USP, sob orientação da professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes. Em seu livro, Margaret Lopes é peremptória ao afirmar que antes das universidades e laboratórios, foi nos museus de história natural que se fez ciência no Brasil ao longo do século XIX. Além de recuar no tempo, "aos primórdios da ciência no Brasil no século XIX", o autor também demarcou especificamente os museus de história natural,

Ao longo do livro, Margaret Lopes analisa a criação, a constituição de coleções e as atividades científicas efetivas de quatro museus, são eles respectivamente: Museu Nacional - Rio de Janeiro; Museu do Ipiranga - São Paulo (também conhecido como Museu Paulista); Museu do Paraná (também conhecido como Museu Paranaense) e o Museu Paraense Emilio Goeldi. Três

**Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023.**  
**ISSN: 1982 -193X**



museus no eixo sul e apenas um no norte do país. Se, como sustenta Margaret Lopes, a ciência em território brasileiro começou e foi praticada em museus de história natural, seriam os museus que ela estudou os únicos que existiram até então? Problematizando a opção da autora de focar apenas quatro museus em um país tão grande e vasto, perguntamos: haveria a possibilidade de existirem outros museus, em outros espaços onde se praticava ciência no Brasil e que simplesmente não eram estudos? Infelizmente Margaret Lopes não responde a esta pergunta.

Antes de concluir esta lista de autores e obras,<sup>11</sup> é preciso abordar o livro: *Espaços da Ciência no Brasil*, obra organizada por Maria Amélia Mascarenhas Dantes e publicada pela Editora Fiocruz (Dantes, 2001). Neste livro, que abrange o período de 1800 a 1930, há diversos artigos que tratam de diferentes instituições científicas como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Jardim Botânico; Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – SAIN, entre outras. Se o recuo temporal até o início do século XIX está plenamente contemplado na obra, porém, a amplitude dos “espaços científicos” restringiu-se ao tradicional binômio regional Rio de Janeiro – São Paulo. Aqui, mesmo ampliando o escopo temporal da pesquisa para o início do século XIX, o faz limitando-se aos mesmos espaços já abordados por outras pesquisas anteriores, confirmando como “mais relevantes” os sujeitos, instituições e práticas científicas dos grandes centros econômicos, políticos e urbanos do Brasil. Com efeito, mais uma vez, o lento processo de crescimento e expansão das atividades científicas desenvolvidas até a publicação da obra de Margaret Lopes foi desconsiderado por sua orientadora, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, em explícito processo de involução. Com efeito, mais uma vez, o lento processo de crescimento e expansão das atividades científicas desenvolvidas até a publicação da obra de Margaret Lopes foi desconsiderado por sua orientadora, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, em explícito processo de involução.

---

<sup>11</sup> Salientamos que o nosso objetivo nunca foi fazer uma seleção definitiva de obras e autores que escreveram e publicaram sobre o assunto no Brasil. Ao invés disso, fizemos uma seleção de autores e obras com formação e vínculos acadêmicos abrangendo o de 1950 a 2001, selecionando os trabalhos e os argumentos mais paradigmáticos que ganharam projeção e notoriedade, servindo de referência e estímulo para a geração de pesquisadoras e pesquisadores subsequentes. Também estamos cientes que as autoras e os autores, aqui comentamos, não tinham pretensão de escrever obras enciclopédias, abarcando “toda a história da ciência no Brasil”, mas os títulos dos livros, usualmente, sugerem e suscitam tal desejo. A título de exemplo temos: *Espaços da Ciência no Brasil* e *O Brasil descobre a pesquisa científica*. As duas obras, em seus respectivos títulos, mobilizam a ideia totalidade nacional do Brasil, mas ao observamos os sumários e os capítulos constituintes das respectivas obras, fica claro que tal pretensão não é contemplada.

foi desconsiderado por sua orientadora, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, em explícito processo de involução.

Uma eventual explicação para a incorporação de outros “espaços científicos” no livro envolve as limitações impostas pela editora. Certamente não é possível incluir todos os espaços e todas as instituições que desenvolveram práticas científicas no Brasil ao longo de 130 anos. Entretanto, quando olhamos para o *Curriculum Vitae* da professora Maria Amélia Dantes<sup>12</sup>, uma das principais pesquisadoras do tema no Brasil e na América Latina, observamos que ela orientou trabalhos de pós-graduação no curso de história da USP, bem como foi participante de diversas bancas de pós-graduação (mestrado e doutorado) que apresentaram objetos de pesquisa localizados em diferentes lugares do país, Acre, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, por exemplo. Porém, no livro *Espaços da Ciência no Brasil*, essa “ampla realidade brasileira” não foi abordada. Esse problema estaria totalmente resolvido se, após apenas um volume, a professora da USP publicasse dois ou três volumes, reservando para os volumes subsequentes um enfoque adequado a essas “outras realidades” não contempladas em um único volume publicado em 2001.

Após esta apresentação, evidencia-se uma historiografia da ciência, com ênfase em obras e autores mais voltados ou relacionados aos estudos dos museus de história natural do país, cuja orientação demonstra uma valorização das atividades desenvolvidas na então região Sul do Brasil<sup>13</sup>. Notamos também que a produção analisada busca legitimar as ações realizadas quase que exclusivamente no tripé Minas - Rio - São Paulo, abordando Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX com menor destaque e com maior destaque para o Rio de Janeiro no século XIX e São Paulo no século XX. O resultado é a exclusão dos demais espaços constituintes do país na atualidade, como Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste na construção da “genealogia do saber nacional”.

Dessa forma, percebemos que a produção historiográfica apresentada carrega em seu bojo elementos semelhantes ao que o historiador brasileiro Manoel Salgado Guimarães criticou como memória disciplinar:

---

<sup>12</sup>Curriculum vitae de Maria Amélia Dantes

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783109H0>> Acesso em 15 de julho. 2023.

<sup>13</sup> Antes das atuais cinco regiões do país, a divisão do território brasileiro era feita baseando-se apenas nos pontos cardeais Norte e Sul do Brasil. Somente no final dos anos 1920 para início da década de 1930 do século XX, a ideia de nordeste foi instituída como conhecemos na atualidade. (Albuquerque Júnior, 1999),

**Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023.**

**ISSN: 1982 -193X**





...a crença em uma história que parece se confundir com o relato de acontecimentos passados, garantindo uma dose de naturalidade à tarefa de dar sentido às ações humanas, fez com que esse passado passasse a habitar os espaços do sagrado, preservados do exercício da crítica, construindo assim uma memória da disciplina (Guimarães, 2003, p. 10).

No seu conjunto, esta produção apresenta-se como uma memória não só disciplinar, mas plenamente disciplinada, que só aceita uma determinada forma de ler, escrever e produzir história, excluindo outras formas e/ou possibilidades (Turim, 2009, p. 79-80)<sup>14</sup>, pautado exclusivamente nos chamados processos de formação do Estado nacional com ênfase exacerbada nos aspectos econômicos e políticos que possibilitaram e ainda possibilitam a produção científica e didática realizada pelas instituições oficiais do poder instituído, compartilhando e divulgando intensamente esta visão de mundo com as diversas áreas que compõem o país. Outro aspecto estruturante da produção historiográfica brasileira sobre a história da ciência é a mobilização, ora explícita, ora implícita, da chamada virtude epistêmica (Ohara 2016a, p. 39-56; Ohara, 2016b, p. 172; Paul, 2011, 1- 19; McGill, 1994; Daston & Galison, 2010).

O que legitima, dessa forma, a importância de determinadas produções e espaços que por sua vez são tomados como representativos da nação. Portanto, ao falar dessas práticas e desses espaços, fala-se, por metonímia, do Brasil. Assim, se houve ciência no Brasil dos séculos XVIII, XIX ou XX, foi necessariamente nos lugares e nos moldes apresentados pela historiografia dominante.

Conscientes dessa situação, resta-nos questionar como praticar outras formas de compreender e escrever a história da ciência no Brasil, além da “memória disciplinar”, de modo a incorporar as muitas experiências das diferentes realidades do país. Tal problematização se faz necessária, pois ainda está sendo feita de forma incipiente por poucos pesquisadores da área. Moema Vergara, por exemplo, que, ao concluir a resenha do livro *Espaços da Ciência no Brasil*, lançou a seguinte questão: “Mas o desafio permanece: é possível fazer uma história da ciência no Brasil fora instituições?” (Vergara, 2003, p. 81).

---

<sup>14</sup>Ao analisar a escrita da história no século XIX, Turim apresenta algumas características que ainda estão presentes na escrita da história da ciência no século XX.

Aqui, aproveitando o questionamento de Moema Vergara para ampliar a pergunta: é possível fazer uma história da ciência no Brasil que inclua uma multiplicidade de tempos, espaços, sujeitos e experiências? Mais especificamente, é possível fazer uma história da ciência no Brasil que absorva e apresente áreas e regiões distintas como Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste do país? Apresentar alternativas à atual escrita da história centrada nos pares antitéticos “núcleo/periférico”, “desenvolvido/não desenvolvido”, “verdadeiro/falso”, “presença/ausência”? Tendo presente que a manutenção deste quadro nada mais é do que a reprodução, dentro das fronteiras nacionais,

A seguir, em contraposição ao entendimento acima exposto e ainda em plena execução na forma como os historiadores da ciência pensam e escrevem a história da ciência no Brasil, apresentamos um caso específico (sabendo que todos os casos são específicos, mesmo os chamados casos gerais), referindo-se à realidade do Ceará, no Nordeste do Brasil (região historicamente considerada a mais pobre do Brasil e usualmente vista como local de reprodução da ciência realizada na região Sul do Brasil).

## **II - Ciência Desconsiderada ou quando as explicações vigentes não contemplam outros sujeitos e experiências**

No livro, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, a pesquisadora Maria Margaret Lopes (1997) fez um grande trabalho de síntese e apresentou as linhas gerais do desenvolvimento dos museus e das ciências naturais no Brasil oitocentista. Com foco nos casos específicos do Museu Nacional, Museu Paulista Paulista (Ipiranga), Museu Paranaense e Museu Paraense (posteriormente denominado Museu Emílio Goeldi). No entanto, chama a atenção a rápida menção da pesquisadora à realidade cearense e à existência de um museu nesta província, comentando que:

No Ceará, em meados de 1871, um colecionador particular, Dr. Joaquim Antônio Alves Ribeiro, médico da Santa Casa de Misericórdia e Capitão Cirurgião da Guarda Nacional, tinha um pequeno museu com objetos de História Natural, aberto ao público. (...) o médico pediu para doar [seu acervo] ao governo para compor o núcleo inicial de um Gabinete de História Natural da província em troca de uma distinção honorífica (Lopes, 1997, p. 151).

Embora não enfocando especificamente a realidade da Província do Ceará, a autora mencionou o pedido de doação do acervo do Dr. Joaquim Antônio Alves Ribeiro ao Presidente da Província em 1871, que, por sua vez, solicitou ao Diretor do Museu Nacional, Ladislau de Souza Mello Netto, para emitir parecer sobre o caso. Na sua resposta, o diretor respondeu afirmativamente, pois esta seria uma boa oportunidade para criar um museu local, se as peças oferecidas estivessem em bom estado e de boa qualidade (Vasconcelos, 2017, p. 159).

O parecer positivo atestado pela autoridade científica, no caso, o diretor do Museu Nacional, não satisfez o Presidente da Província, muito provavelmente o bacharel em direito, José Fernandes da Costa Pereira Júnior, do Rio de Janeiro, que fez não adquirir o acervo, pois segundo Margaret Lopes “(...) o presidente da Província do Ceará considerou que os objetos não estavam em muito bom estado, não eram tão curiosos”. E continua o autor, “(...) o médico [doador de coleção] gozava de uma posição modesta, poucos honorários e nenhuma posição de homem de conhecimento”. Por fim, segundo a mesma autora, “(...) além disso, como ela considerava que pouquíssimas pessoas em Fortaleza se dedicavam à História Natural, era um gasto alto para a província, que tinha necessidades mais urgentes” (Vasconcelos, 2017, p. 159-169).

Infelizmente, mesmo com uma ampla gama de pesquisas tratando dos museus de história natural do século XIX no Brasil, Maria Margaret Lopes apenas abordou *en passant* a coleção de História Natural do Dr. Alves Ribeiro, restringindo as poucas informações mencionadas acima.

Nesse sentido, as linhas a seguir têm como foco principal apresentar a história do Caninete de História Natural, primeiro museu do Ceará. Um espaço científico desconsiderado ou obliterado pela historiografia das ciências em vigor no país.

## O criador

Buscando compreender a obra, ou seja, a história da constituição do Museu Cearense, passamos a buscar notícias sobre seu idealizador. Assim, no Dicionário Bibliográfico Brasileiro, obra publicada por Sacramento Blake em 1883, encontramos o seguinte registro:

Joaquim Antonio Alves Ribeiro - nasceu na cidade de Icó, na província do Ceará, em 9 de janeiro de 1830 e faleceu em 2 de maio de 1875. Era doutor em medicina pela Universidade de Cambridge (sic), nos Estados Unidos, onde exerceu por algum tempo, e aprovado pela faculdade do Rio de Janeiro em seu retorno ao Brasil, fixou-se em sua província natal e lá serviu no hospital de caridade. Foi cirurgião da guarda nacional, cavaleiro da ordem da rosa, membro da academia imperial, hoje academia nacional de medicina, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e de outras associações de letras, nacionais e estrangeiras, e fez parte, como membro adjunto, da comissão brasileira na Exposição Universal de Viena d'Áustria em 1873 (Blake, 1883, p. 83-84).

Também identificamos outro registro, também de cunho biográfico, registrado no Dicionário Biobibliográfico Cearense, de autoria de Guilherme Studart (Barão de Studart), com breves informações sobre o personagem em questão.

Joaquim Antonio Alves Ribeiro - Um dos 17 filhos de Antonio Manoel Alves Ribeiro e dona Alexandrina Mendes Ribeiro, nasceu em Icó em 9 de janeiro de 1830 e faleceu em Fortaleza em 2 de maio de 1875, vítima de câncer no estômago. Sua mãe faleceu em 7 de março de 1860, com quase 55 anos de idade. Formado em medicina pela Universidade de Harvard, Cambridge, em 1853, manteve tese na Faculdade de Medicina da Bahia, vindo a exercer a profissão em sua província natal. Foi médico do hospital da Caridade de Fortaleza, cirurgião da Guarda Nacional, Cavaleiro da Ordem da Rosa (2 de dezembro de 1858) e de Cristo (12 de outubro de 1867), membro correspondente da Academia Imperial de Medicina de Rio de Janeiro, da Sociedade Médica de Massachussets, Sociedade de História Natural de Frankfurt, Sociedade de Apoio à Indústria Nacional.

Este médico é o responsável pelo 1º museu que o Ceará viu; após sua morte, os diversos acervos, alguns deles muito preciosos, foram doados ao governo do estado, que os confiou à Biblioteca Pública, sendo posteriormente recolhidos à Escola Normal.

Casou-se em Fortaleza com sua prima Dona Adelaide Smith de Vasconcellos, filha de José Smith de Vasconcellos e sua esposa Dona Francisca Mendes da Cruz Guimarães, 1º Barão de Vasconcellos, falecida no Rio de Janeiro em 8 de outubro de 1903 e ela em 4 de agosto de 1873 em Liverpool (Studart, 1910, 06).

27 anos separam as duas publicações. A primeira veio à tona em 1883 e a segunda em 1910. Ao comparar as duas publicações, percebemos que Sacramento Blake apresenta brevemente informações exclusivas de natureza profissional, públicas ou relacionadas a tarefas burocráticas. A escrita de Guilherme Studart mistura informações profissionais e públicas com algumas informações pessoais.

Além da diferença de anos entre os dois trabalhos, a diferença de informações fica clara porque Blake afirma que Alves Ribeiro formou-se em medicina em Cambridge, onde trabalhou e revalidou o diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Studart afirma que Alves

Ribeiro formou-se em Harvard, revalidou sua tese na faculdade de medicina da Bahia e desenvolveu suas atividades profissionais em seu reduto natal.

Ao comparar os dois registros biográficos, fica claro que o registro feito por Sacramento Blake contém alguns erros, provavelmente fruto de equívocos ou pequenas confusões, pois o criador do primeiro museu do Ceará estudou medicina em Harvard (HARVARD UNIVERSITY, 1890, p. 230) , que está localizada em Cambridge (Condado de Middlesex no estado de Massachusetts, Estados Unidos) e de acordo com a lista de *Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia* (Tavares-Neto, 2008), consta que o Dr. Alves Ribeiro revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia. Infelizmente, continuamos a não encontrar documentos ou indícios de que tenha exercido ou desenvolvido a sua atividade profissional nos Estados Unidos da América.

Por fim, cabe ressaltar o total silêncio de Sacramento Blake em relação ao Museu de História Natural do Ceará criado pelo Dr. Alves Ribeiro. O mesmo não ocorreu no registro de Guilherme Studart, que enfaticamente registrou:

A este médico é devido o 1º. museu que o cearense viu; depois de sua morte como vários acervos, alguns muito preciosos, foram doados ao governo do Estado... (Studart, 1910, p. 06).

Quando Studart publicou seu *Dicionário Bio-bliográfico* na primeira década do século XX, o regime político republicano já estava consolidado e ao registrar que os acervos foram doados ao governo do Estado, devemos entender que os acervos e suas respectivas peças estavam sob os auspícios de o governo provincial a partir de 1871.

## O Gabinete de História Natural

A história do Gabinete de História Natural, primeiro museu do Ceará, infelizmente, é uma história incompleta, com poucos e escassos registros. Assim, não obtivemos maiores informações e detalhes sobre a constituição do acervo do Dr. Alves Ribeiro. Quando ele começou a juntar as peças? Quais são os primeiros objetos? Quem o ajudou? Quem visitou e pesquisou este museu? Tratando-se de um acervo particular, feito para uso particular dos estudos de História Natural, ainda não podemos responder a estas e outras questões, pois nos

faltam os registros referentes a este primeiro momento de constituição do acervo do Dr. Alves Ribeiro.

Porém, aos poucos, o Museu de História Natural foi crescendo e chamando a atenção dos moradores da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, a ponto de, em 1868, o Presidente da Província, Pedro Leão Vellozo, fazer menção direta ao estabelecimento quando disse que:

O Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro, médico estabelecido nesta cidade e que, segundo comunico, tem se dedicado aos estudos das ciências naturais, conseguiu, após alguns anos, formar uma coleção de diversas espécies naturais que apresenta para concurso público e de utilidade, como você sabe. na casa de Cuvier<sup>15</sup>opinião – um museu de história natural é uma escola pública de instrução.

A criação deste museu pelo esforço de um particular é um facto importante para a ciência e um verdadeiro serviço, que merece ser tido em conta e coadjuvado pelos poderes públicos em benefício da província, e encorajar tentativas de igual utilidade (RELATORIO, 1868, p. 12).

O Presidente da Província em tom lisonjeiro reconheceu, no trecho acima, o esforço e dedicação do criador do museu em seus estudos de ciências naturais, destacando a utilidade educativa dos museus e reforçando a necessidade do poder público apoiar esta e outras iniciativas benéfico para a província.

Após pouco mais de seis meses de elogios prestados por Pedro Leão Vellozo em 1º de novembro de 1868, o novo Presidente da Província do Ceará, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, sobre o Museu, disse que:

O Dr. Joaquim António Alves Ribeiro, médico desta cidade, deve a existência de um conjunto de reservas naturais, já em proporções superiores aos recursos de um amator privado (RELATORIO, 1868, p. 26).

Parcimonioso, o novo Presidente da Província atestou peremptoriamente a grandiosidade do museu que já possuía ao reafirmar que o estabelecimento já tinha proporções maiores do que a de um amator. Ainda que esta informação seja válida, por se tratar de um testemunho da época, é preciso discuti-la, pois sem levantar mais informações, citando apenas as falas acima, qual foi a experiência do Presidente da Província na área de museus e/ou coleções de história natural

---

<sup>15</sup>Jean Leopold Nicolas Frédéric Cuvier, pesquisador francês, mais conhecido como Georges Cuvier é considerado o pai da Paleontologia. Ele nasceu em 1769 e morreu em 1832.



para sustentar que o estabelecimento tinha recursos superiores a um amador? Isso é apenas uma opinião pessoal sem respaldo científico?

Do depoimento peremptório de Cavalcanti de Albuquerque, temos um depoimento mais ponderado a seguir. Assim, em 1869, um novo Presidente da Província, João Antonio de Araujo Freitas Henriques, também tecia comentários sobre o museu:

Existe nesta capital, como não vos é desconhecido, um curioso estabelecimento deste género, fruto dos esforços do seu proprietário, Dr. Joaquim António Alves Ribeiro.

Tendo já tido o prazer de o visitar, parece-me que não se encontra em muito pior estado do que outros da mesma espécie, que existem em várias províncias, os quais têm custado avultadas somas aos cofres públicos”.

Esforços tão determinados, tão utilmente empregados, merecem a atenção dos homens esclarecidos e devem ser encorajados por todos aqueles que se dedicam ao estudo das ciências e aplaudem as vocações para o conhecimento útil (RELATORIO, 1869, p. 25).

Um pouco mais profundo que seus antecessores, pois os três parágrafos proferidos pelo novo Presidente da Província do Ceará abordam respectivamente: a curiosidade do estabelecimento; a comparação com outros museus (Vasconcelos, 2019, p. 151-166)<sup>16</sup> e a necessidade de apoiar o conhecimento útil.

Tanto o primeiro quanto o terceiro parágrafos são temas usuais para falar sobre museus, ou seja, a curiosidade e a quase obrigatoriedade do governo em apoiar financeiramente essas instituições. No entanto, o segundo parágrafo é bastante inovador na medida em que sugere que o seu autor conheceu ou teve algum tipo de experiência anterior com outros museus existentes noutras províncias do país, ainda que apenas como visitante.

Assim, depois de visitar o Gabinete de História Natural, Freitas Henrique sugeriu que este não era tão inferior aos outros que conheceu e que custavam avultadas somas. Em outras palavras, o Presidente da Província afirmou que, em outras províncias, haveria museus maiores e mais caros; que o Gabinete de História Natural era inferior, mas não tanto, sem o custo oneroso de outros museus. Ao basear sua análise no viés pragmático da relação custo-benefício, o administrador público sugeriu implicitamente que ao não demandar recursos dos cofres

---

<sup>16</sup>Consultar a obra indicada para um panorama dos museus no Brasil do século XIX, com ênfase na década de 1870.

públicos, pois foi instituído e mantido por um particular, a sociedade cearense usufruía de um grande benefício sem ônus de pagar por esse benefício.

Como já mencionado neste artigo, em 1871 o Gabinete de História Natural foi oferecido em forma de doação à Província do Ceará por seu criador e então mantenedor, e a administração provincial rapidamente se pronunciou sobre o assunto:

Tendo o Dr. Joaquim António Alves Ribeiro oferecido à província um gabinete de história natural, de que dispunha, para servir de núcleo à criação de um museu público, - comuniquei à Assembleia Provincial, então em funcionamento, tal uma oferta, pedindo-lhe que parabenize os meios de contribuir para as despesas que a aceitação acarretaria (RELATORIO, 1872, p. 19).

Assim, após comunicação à Assembleia Provincial, o Barão de Taquary, então Presidente da Província, ordenou que fossem tomadas as providências necessárias para o recebimento da doação:

Em 4 de dezembro passado [1871], autorizei o pagamento da quantia de 520\$000 réis, gastos na compra de estantes e armários para o museu, e a 22, a despesa de 80\$000 réis com a reposição de vidros quebrados durante o transporte das mesmas prateleiras, e com a fatura de uma grade de madeira (RELATORIO, 1872, p. 20).

A seguir, o consciencioso Barão conclui afirmando que:

Por ato de 30 de dezembro, nomeei um guarda do museu, com gratificação anual de \$ 400 réis, que deve servir sob as ordens e instruções do Bibliotecário. Este ato, que trata da criação de um emprego, depende da aprovação da Assembléia Provincial (RELATORIO, 1872, p. 19).

Iniciou-se o acervo de objetos de história natural, inicialmente um acervo particular de uso particular e após a doação passou a fazer parte do patrimônio da província do Ceará. Possuindo um local fixo de abrigo para os acervos e com visitação aberta ao público.

## **Museu Provincial**

Após a aceitação da doação do Gabinete de História Natural, passou a funcionar no mesmo prédio em que já funcionava a biblioteca pública cearense, na praça Marques de Herval, no centro de Fortaleza (Almanak, 1873, p. 361). O museu tinha vários exemplares: macacos, gatos selvagens, pássaros, peixes, aranhas, conchas... . Por se tratar de um acervo feito por um

pesquisador cearense e no Ceará, supõe-se que os espécimes que constituíram o museu fossem em sua maioria da fauna e flora cearenses, mas como não há indicação de procedência na lista de classificação dos objetos, não podemos efetivamente fazer tal declaração.

Uma dificuldade que surge ao verificar a lista de classificação de objetos. O grande poder de síntese que os responsáveis tinham, impossibilita uma visão mais ampla dos acervos, como é possível verificar no ponto referente ao reino mineral:

#### REINO MINERAL

Existem várias amostras de rochas, cujo número ascende a 560, das quais 25 são ferro, chumbo, cobre, ouro, ferro tetanífero (sic) e bismuto (Pereira, 1873, p. 365).

Se os responsáveis pela classificação tivessem sido mais detalhados, poderiam ter especificado mais as 560 rochas, informando suas formas, tamanhos e pesos. A indicação de procedência também ajudaria muito, como foi feito no acervo paleológico com a indicação da existência de peixes fósseis da serra do Araripe (região sul do Ceará) e a existência de ossos obtidos em escavações feitas em Quixeramobim (região central do Ceará). Mas nada disso foi feito e por isso só temos a informação bruta sobre a existência de 560 rochas.

Essa mesma dificuldade ainda pode ser observada nos detalhes do acervo de arqueologia e numismática:

#### ARQUEOLÓGICA [E] NUMISMÁTICA

São instrumentos indígenas próprios para guerra e caça, 2 remos bem trabalhados, arma de fogo de espessura extraordinária, 1 fotografia de Lopes<sup>17</sup>, 1 par de tamancos adequados para caminhar no gelo.

Quanto à numismática, há moedas de cobre, prata e papel-moeda do Paraguai (Pereira, 1873, p. 365).

Mais uma vez nos perguntamos que instrumentos utilizados pelos povos indígenas eram esses? De onde eles vieram? Como é obtido? Mas como já mencionado, infelizmente não há detalhamento dessa informação. E junto com os objetos indígenas uma arma de fogo, uma foto

---

<sup>17</sup>Francisco Solano López Carrillo, mais conhecido como Solano López (1827-1870). Ele foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo de seu país durante a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Paraguai), também conhecida apenas como Guerra do Paraguai. Ocorreu em 1864-1870. Para uma compreensão ampla do impacto da guerra no Brasil, ver: IZECKSOHN, Vitor. *Dois Guerras nas Américas: Raça, Cidadania e Construção do Estado nos Estados Unidos e Brasil (1861-1870)*. São Paulo: Alameda, 2020.

de Francisco Solano Lopes e sapatos para caminhar no gelo. Objetos dignos de uma cabine de curiosidade, com destaque para a foto do Presidente do Paraguai e as botas para caminhar no gelo. O homem da foto foi morto na guerra e botas no Ceará não serviriam.

Concluimos citando as palavras do Austríaco Deoscorides Damon Padilha, responsável pelo museu e responsável pelas informações prestadas ao *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará*, que percebeu claramente que a continuidade e o crescimento do museu passavam pelo engajamento dos poderes públicos e dos interesses privados: "São estes os objectos que compõem o museu, é de esperar que tome outras proporções, se porventura as câmaras municipais e mesmo particulares se interessarem pela engrandecimento deste instituição, tendo em conta as recomendações que para o efeito têm sido feitas" (Pereira, 1873, p. 365).

## Conclusão

Após apresentarmos como historicamente, na segunda metade do século XX, autores e obras definiram e ainda continuam a definir a história da ciência no Brasil, com ênfase exagerada em casos específicos da região sudeste do Brasil (Minas Gerais – Rio de Janeiro – São Paulo), apresentamos uma experiência histórica concreta ocorrido no Brasil da segunda metade do século XIX na atual região nordeste do Brasil, que não foi estudada e/ou pesquisada pelos pesquisadores da área, mesmo tendo sido identificado, como bem demonstra o sucinto registro feito pela autora de *O Brasil descobre a pesquisa científica* (Lopez, 1997)

Se os casos históricos aqui apresentados guardam proximidade “ontológica”<sup>18</sup>, o mesmo não ocorre epistemologicamente.<sup>19</sup> Pois desde as primeiras obras na década de 1950, ciência no

---

<sup>18</sup> A utilizar o termo “ontologia” não desejo estabelecer um debate filosófico, também não estou indicando ou sugerido que os autores e suas respectivas obras, aqui abordados, fizeram ou desejaram fazer um debate filosófico e/ou suscitaram análises filosóficas. Todavia, para fins de esclarecimento, faz-se necessário salientar que, segundo Marilena Chauí, ontologia é: “estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente.” (Chauí, 2000, p. 266). Já o Filósofo Husserl indicou que o conhecimento fosse interpretado pela Ontologia por dois âmbitos complementares: a Ontologia Formal e a Ontologia Regional. Dessa maneira, a Ontologia Regional é dedicada ao estudo dos diferentes tipos de fenômenos que se caracterizam por ser um tipo de realidade particular – matemática, artes, história, religião, política, etc. (Husserl, 2006, p. 55). Espero que por meio dessas duas indicações fique claro que utilizo “ontologia” na acepção ou no sentido de uma “realidade histórica concreta”.

<sup>19</sup> Saliento mais uma vez que não tenho pretensões de estruturar um longo debate filosófico. Mas também não posso deixar de ressaltar que todo historiador(a) parte de um determinado conjunto de ideias e documentos, objetivando chegar em um patamar distinto ou melhorado do cenário existente no início de sua pesquisa. Dessa

Brasil é sinônimo de grande investimento financeiro, de profissionais qualificados, usualmente fora do Brasil, e o único local que apresenta a devida condição para essa lógica é a atual região Sudeste do Brasil, pois foi lá, quando era denominada de região Sul, que desde o século XIX está o centro do poder político e econômico do país, que suscitou no século XX o estabelecimento do parque industrial nacional, com as maiores cidades, a maior economia os maiores adensamentos populacionais. Em outras palavras: o único local do país detento de infraestrutura.

Além de ser um argumento com “uma certa orientação marxista”, mesmo diversos dos pesquisadores(as), aqui arrolados, não aceitando ou dialogando com a tradição marxista, eles e elas operaram dentro da divisão Infraestrutura (Basis oder Struktur) X Superestrutura (Überbau), com viés determinista, pois só há o pleno desenvolvimento da ciência no Brasil em terras, hoje situadas no Sudeste. Relegando as demais áreas do Brasil a pouca atenção de uma ciência colonial, ou o curioso caso do Museu Goeldi, um dos poucos espaços de ciência, historicamente localizado fora do espaço sudestino do país, mas totalmente identificado o estrangeiro, como fica claro o sobrenome suíço que dá nome ao museu. Há inda casos pontuais e bem delimitados como a Imperial Comissão Científica que foi estudar as províncias do norte. Isto é, levar a ciência do centro (Rio de Janeiro) para a periferia.

A forma de explicação hoje vigente, colocada em prática desde a segunda metade do século XX e apresentada como “wie es eigentlich gewesen ist”(como realmente foi) por diversos pesquisadores(as) desconsidera e/ou faz questão de ignora outras formas de elaboração científica que não se enquadram nos ditames históricos experienciados em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>20</sup> Assim, um cientista como o Dr. Alves Ribeiro, com uma formação oficial, feita em uma Universidade internacional, ao voltar ao Brasil (Ceará) e realizar diversas

---

maneira, quando um historiador(a) escreve uma obra, seus pares, que compartilham a mesma formação, os mesmos objetos e os mesmos interesses estão aptos a aceitar ou rejeitar essa produção, fazendo julgamentos, críticas e elogios. Consciente ou inocentemente, tal procedimento aproxima-se de uma das principais características da epistemologia: “(do gr. episteme: ciência, e logos: teoria) Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo)” (Japiassu & Marcondes, 2001, p. 63).

<sup>20</sup> Um bom exemplo de obra feita para contemplar o processo histórico de museus no Brasil, para além dos centros referenciais, é o estudo diacrônico dos espaços museais que foram criados no atual espaço do Nordeste do Brasil, com ótimos exemplos de museus de história natural que desenvolveram suas atividades na Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco ao longo de todo o século XIX. Ver: BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (Orgs.). **Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil**. Goiânia-GO: Editora Espaço Acadêmico; Salvador - BA: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020. Além da versão impressa, essa obra pode ser acessada eletronicamente no Repositório da UnB: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39425>

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023.*

ISSN: 1982 -193X



atividades científicas em um museu de história natural que começou como uma coleção de peças particular e depois foi transformado em museu provincial é desprezado por não ter uma trajetória similar ou análoga ao Museu Nacional e/ou ao Museu Paulista. Além disso, o treinamento científico do Dr. Alves Ribeiro foi feito nos Estados Unidos, quando a América ainda não era uma potência política, econômica e intelectual, e o único pensamento científico aceito como tal, no século XIX, era o feito pelos doutos homens da Europa. Excluindo, dessa maneira, qualquer ciência advinda da África, da Ásia, da Oceania e das Américas.

Além disso, com o advento da chamada grande seca de 1877-1879 e as constantes repetições desse fenômeno socio-natural, o Ceará, e posteriormente todo Nordeste do Brasil, o passou a ser identificado como o espaço determinado pela seca, cangaço, mandonismo e messianismo. Dessa maneira, tanto para leigos como para os historiadoras e historiadores da ciência, em um local como esse, nunca poderia ter tido ciência, pois ciência é sinônimo de futuro, desenvolvimento estabilidade econômica. Em um lugar como, supõem-se aprioristicamente, não existir, literalmente nada.

O saber histórico é feito com base em pesquisas, documentos, compreensão das novas informações obtidas nos documentos e enfretoamento dessas informações com a produção historiográfica existente. As práticas científicas feitas pelo Dr. Alves Ribeiro no Ceará, demonstra que ele se graduou e manteve contato direto com os Estados Unidos e com a Europa sem o intermédio de intermediadores científicos do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Demonstrem não ter sido necessário ele ir ao Rio de Janeiro para ele fazer ciência. Casos como o do Dr. Alves Ribeiro, que extrapolam o paradigma hierárquico centralizador, em curso desde 1838 com o Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB), de um país totalmente compreendido e explicado como uma unidade perfeita, onde o centro político manda e as demais áreas acatam passivamente, não se adequam as ideias de equidade, respeito e multiplicidade em curso na sociedade e orientador dos estudos históricos na atualidade atuais. Faz-se necessário ampliar o número de experiências históricas que ocorreram no Brasil, ressignificar o que foi desprezada ou obliterado, entender que a história é múltipla e que ações codominantes em locais diferentes também fazem parte da história e devem ser explicados historicamente pelas historiadoras e pelos historiadores.



**Referências:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Comissão Censitária Nacional. 1943.

AZEVEDO, Fernando de (Org.). **As ciências no Brasil**. São Paulo, Edições Melhoramentos. 1956. 2v.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1883. 7 v.

BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (Orgs.). **Estilhaços da memória**: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil. Goiânia-GO: Editora Espaço Acadêmico; Salvador-BA: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020.

CARVALHO, José Murilo de. Ph.D. Dissertation, "**Elite and State-Building in Imperial Brazil**"; 1975. (Stanford University).

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. Rio de Janeiro: FINEP/Cia Editora Nacional. 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem**: A elite política imperial. Rio de Janeiro/Brasília: Ed. Campus/Ed. da Universidade de Brasília. 1980.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de Sombras**: A política imperial. São Paulo/Rio de Janeiro: Vértice/Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. 1988.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **Espaços da Ciência no Brasil**: 1800-1930. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2001.

DASTON, Lorraine & GALISON, Peter. **Objectivity**. New York: Zone Books. 2010.

EDLER, Flávio Coelho. **A História das ciências e seus públicos**. In: [Revista] **Maracanan**. n. 13. 2015.

FERRI, Mario Guimarães & MOTOYAMA, Shozo. **História das Ciências no Brasil**. São Paulo: Edusp; E.P.U. 1979-1981. 3 vols.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Cultura Histórica Oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.

HARVARD UNIVERSITY. **Quinquennial Catalogue of the Officers and Graduates of Harvard University 1836-1890**. Published by the University in the two hundred and fifty-fourth year of the college. For sale by Charles W. Server. 1890.

HUSSERL, Edmund Gustav Albrecht. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

IZECKSOHN, Vitor. **Duas Guerras nas Américas: Raça, Cidadania e Construção do Estado nos Estados Unidos e Brasil (1861-1870)**. São Paulo: Alameda. 2020.

JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KROPF, Simone Petraglia & HOCHMAN, Gilberto. From the Beginnings: Debates on the History of Science in Brazil. In: **Hispanic American Historical Review**. 91 (3). 2011

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. Editora Hucitec. 1997.

McGILL, Alan. **Rethinking Objectivity**. Durham NC: Duke University Press, 1994.

NEVES, Margarida de Souza. **As Vitrines do Progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq. 1986.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. “The Disciplined Historian: “Epistemic Virtue”, “Scholarly Persona”, and practices of subjectivation. A proposal for the study of Brazilian professional historiography”. In: **Práticas da História**, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past. 1, n.º 2. 2016a.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Virtudes Epistêmicas na Prática do Historiador: o caso da sensibilidade histórica. In: **História da Historiografia**. v. 22. 2016b.

PAUL, Herman. “Performing History: How Historical Scholarship Is Shaped by Epistemic Virtues”. In: **History & Theory**. 50, n. 1. 2011.

PEREIRA, João Batista (Editor). **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873**. Fortaleza. 1873.

PIRRÓ e LONGO, Waldir & DERENUSSON, Maria Sylvania. 2009. FNDCT, 40 anos. In: **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro (RJ). 8 (2), julho/dezembro. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **The Spectacle of the Races: Scientists, Institutions, and the Race Questions in Brazil, 1870-1930**. Translated by Leland Guyer. New York: Hill and Wang, 1999.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: FINEP / Cia. Editora Nacional. 1979.

SCHWARTZMAN, Simon. **A Space for Science: the development of the scientific community in Brazil**. University Park, Pennsylvania. The University of Pennsylvania Press. 1991.

SILVA, Márcia Regina Barros da. Shozo Motoyama (1940-2021), várias tradições. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. v. 28, n. 3. 2021.

STEPAN, Nancy Leys. **Beginnings of Brazilian Science**. Oswaldo Cruz, medical research and policy, 1890-1920, New York, Science History Publications. 1976a.

STEPAN, Nancy Leys. **Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica.** Rio de Janeiro: Artenova / Fundação Oswaldo Cruz. 1976b

STUDART, Guilherme Chambly (Barão de Studart). **Dicionário Bio-bibliográfico Cearense.** Tomo II. Fortaleza, CE: Tipografia Minerva, 1910.

TAVARES-NETO, José (Org.); OLIVEIRA, Vilma Lima Nonato de; SANTIAGO, Eliane da Cruz; SANTOS, Francisca da Cunha (Cols.). **Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana:** Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008. Registro do ano de 1854 com identificador numérico: n. 339.

TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. In: **História da Historiografia.** v. 2. 2009.

VASCONCELOS. Eduardo Henrique Barbosa de. “Apagando o passado, escrevendo a história”: a história das ciências oitocentistas “fora do centro”. In: VASCONCELOS. Eduardo H. B. Et al. **O Local – imaginário e real: escritos sobre história regional.** Curitiba, PR: Editora Prismas. 2007.

VASCONCELOS. Eduardo Henrique Barbosa de. (Org.). 2019. **História das Ciências: saberes e práticas em análise.** São Paulo: Intermeio, 2019.

VERGARA, Moema de Rezende. **Resenha do livro Espaços da Ciências no Brasil.** In: *Revista da SBHC.* 2003. Nº I.

### **Documentos:**

Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Pedro Leão Vellozo Passou a Administração da Província ao Excelentíssimo Senhor 1<sup>a</sup>. Vice-Presidente Dr. Antonio Joaquim Rodrigues Junior no dia 22 de abril de 1868. Fortaleza Typographia Brasileira Propriedade de J. Evangelista. 1868.

Falla Recitada na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial do Ceará Pelo Excelentíssimo Presidente da Província Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque no dia

1ª. de novembro de 1868. Fortaleza. Typographia Brasileira Propriedade de J. Evangelista. 1868.

Relatorio Apresentado à Assembleia Provincial do Ceará pelo Presidente da Mesma Província o Exm. Sr. Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques no dia 1ª. de setembro de 1869. Fortaleza Tipografia Constitucional. 1869.

Relatorio com que o excelentíssimo Senhor Conselheiro Barão de Taquary Passou a Administração da Província do Ceará Ao Excelentíssimo Senhor Comendador Joaquim da Cunha Freire 2ª. Vice-Presidente da Mesma no dia 08 de janeiro de 1872.

#### **Sites:**

Curriculum vitae de Maria Amélia Dantes. Em:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783109H0>

Informações Históricas da Seguradora Sul América. Em:

<https://portal.sulamericaseguros.com.br/institucional/sobre-a-sulamerica/historia/>

Repositório de obras da Universidade de Brasil- UnB

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/39425>

Recebido em 30- 06 – 2023

Aprovado em 29 – 09 - 2023